Construção

Crescimento além do espetáculo

Ana Maria Castelo

AS MELHORES expectativas estão se confirmando. Passados os primeiros seis meses é possível dizer: 2008 já é um ano melhor que 2007. De fato, ainda que os números estejam registrando o desempenho apenas até abril, a percepção de que o setor passa por um período de grande crescimento está disseminada ao longo de toda a cadeia produtiva.

Mas 2008 supera 2007 não apenas por suas taxas de crescimento. Há aspectos qualitativos importantes, como a disseminação dos bons resultados por todo país e o ingresso de outro importante segmento – a infra-estrutura - nesse cenário positivo. Desde 2006, os investimentos na área começaram a crescer, mas em 2008 ganharam uma importância ainda maior na determinação da dinâmica setorial. As obras do PAC começam (apenas começam) a ganhar maior relevância, mas é o maior volume de recursos da iniciativa privada que está imprimindo um ritmo mais intenso à infra-estrutura – e os investimentos dos municípios e Estados não são desprezíveis.

Mas o crescimento tem trazido consigo um desafio: o aumento dos custos de materiais e mão-de-obra. Assim, a principal preocupação do empresário é com a sustentação desse crescimento, especialmente no curto prazo, quando a ameaça de desabastecimento se torna maior. Os principais condicionantes, como aumento da renda, expansão do crédito, maiores investimentos públicos e privados mostram robustez e tendência de continuidade. No entanto, a escassez de mão-de-obra qualificada e de alguns materiais são aspectos que poderiam ameaçar o crescimento previsto.

Outro aspecto diz respeito ao recente endurecimento da política monetária. O ciclo de aumentos da Selic deve ser mais intenso que o previsto inicialmente. No entanto essa elevação não altera o andamento dos projetos já iniciados: investimentos não terão mudança de ritmo, o que significa que as perspectivas continuam positivas para o horizonte 2008-2009. A expansão da capacidade produtiva, detectada pela elevada taxa de crescimento da Formação Bruta de Capital, indica que a pressão da demanda deve ser atenuada em um horizonte de tempo relativamente curto.

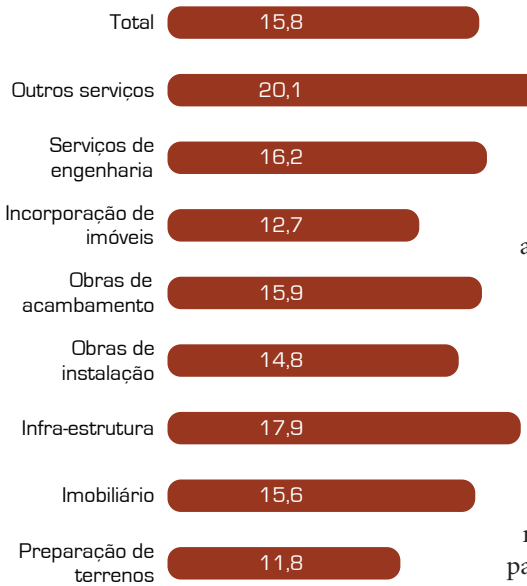
Os efeitos

A divulgação dos resultados do PIB para o primeiro trimestre mostrou a construção como destaque dentro da economia. O crescimento de 8,8% na comparação com o mesmo trimestre de 2007 foi superior à média da indústria e, ao contrário da tendência verificada em boa parte dos setores, mostrou uma aceleração na comparação com o resultado verificado no último trimestre de 2007.

Para um setor bastante intensivo em mão-de-obra, o efeito maior desse crescimento tem sido registrado na contratação de trabalhadores. Os resultados da pesquisa FGV/Sinduscon-SP, com base nos dados do Ministério do Trabalho e Emprego permite verificar aspectos importantes da dinâmica de expansão:

- **Crescimento com governança:** entre janeiro e abril, o emprego com carteira em todo país cresceu 15,9% em relação a 2007. O número de empregados formais na construção atingiu o maior patamar desde o início da série histórica: 1,987 milhão de trabalhadores, o que na comparação com abril de 2003, o pior ano da crise setorial, representa mais de 600 mil trabalhadores contratados em todo o país. Esses números expressam não apenas a intensidade do desempenho, mas a importância que a governança corporativa passou a ter para as empresas. Aspectos como modernização e formalidade foram incorporados ao dia-a-dia de grande parte das empresas. Essa tem sido uma resposta às exigências do próprio mercado: investidores exigem transparência e gestão profissional.
- **Aquecimento generalizado**: nos cinco primeiros meses do ano, o crédito imobiliário bateu sucessivos recordes na comparação com 2007, atingindo, no período de 12 meses finalizados em maio, a marca de R$ 22,5 bilhões. Já se espera que chegue a 24 bilhões até o final do ano. Os lançamentos imobiliários continuam ocorrendo em ritmo vertiginoso: na Grande São Paulo, houve até abril um aumento de 57% em relação a 2007. Dessa forma, as taxas do emprego no setor imobiliário – 15,3% na comparação janeiro-abril contra janeiro-abril no ano anterior – é uma conseqüência de um movimento perceptível em quase todas grandes cidades do país. No entanto, os números estão mostrando que não é apenas o setor imobiliário que está crescendo. Infra-estrutura registrou taxas de crescimento superiores nessa mesma comparação: 17,8%. Outro aspecto positivo é que os segmentos de preparação de terrenos e engenharia e arquitetura, indicadores antecedentes de outros segmentos, continuam sinalizando movimento intenso.
- **Disseminação de bons resultados:** entre janeiro e abril, todos as regiões do país registraram taxas de crescimento do emprego superiores a 10% na comparação com 2007. Em apenas dois Estados da região Norte verificam-se números negativos no acumulado do ano, mas em 18 Estados as taxas de crescimento foram superiores a 10%. Isso significa que não há concentração das atividades. Os efeitos da expansão do crédito e dos

Emprego formal (taxas de crescimento acumuladas até abril, %)



Fonte: MTE, FGV Projetos/SindusCon-SP

PAIC 2006: EMPRESAS FORAM ALÉM DO ESPERADO

De acordo com os dados das Contas Nacionais Trimestrais, o PIB da construção cresceu 4,62% em 2006. Os números divulgados pela Pesquisa Anual da Indústria da Construção de 2006, do IBGE, mostraram que o PIB das empresas da construção cresceu a uma taxa superior, de 6,7%. Esses resultados confirmam o bom momento que o setor formal vem passando desde 2004, mas que em 2005 havia sofrido uma desaceleração.As 109 mil empresas do setor registraram mais de 1,5 milhão de pessoas ocupadas. Em relação a 2005, o valor das obras executadas cresceu 7,1% em termos reais.

investimentos em infra-estruturas estão sendo percebidos por quase todo o país.

- **Efeitos na cadeia:** o crescimento intenso da construção está sendo compartilhado por todos os elos da cadeia. Indústria e varejo estão registrando aumentos no consumo e nas vendas como há muito não se via. O consumo de cimento, por exemplo, registra crescimento de 15%, de janeiro a abril, em relação ao mesmo período de 2007. A indústria de materiais teve um desempenho extraordinário de 19%. No varejo, as vendas registram aumento real de 11% na mesma comparação.

O desempenho da construção nos primeiros quatro meses do ano permite manter as projeções mais favoráveis da **FGV Projetos** para o setor em 2008, que se mantêm em 10,2%.

Infra-estrutura

A previsão de avanço dos projetos do PAC fortaleceu, no início deste ano, a perspectiva de aumento de ritmo da área. De fato, até maio o investimento realizado pela União é superior ao do mesmo período de 2007, embora os recursos liberados continuem muito aquém do previsto. Do orçamento de investimento, foram empenhados cerca de R$ 4,3 bilhões até maio, mas efetivamente pago até essa data apenas R$ 142 milhões, ou 1% do previsto. Da conta dos restos a pagar, têm-se R$ 2,1 bilhões pagos até abril.

Isso significa que a iniciativa privada e as estatais estão à frente no desembolso de grande parte desses investimentos nesses primeiros meses do ano. Petróleo, gás e energia são as principais áreas de aplicação dos investimentos. Os sete trechos de rodovias federais concedidos à iniciativa privada em outubro de 2007 também começaram a ter seu programa de desembolso de investimento iniciado. Estimativas preliminares da Associação Brasileira de Infra-estrutura de Base apontam um volume de R$ 86,6 bilhões vindos tanto do setor privado quanto público para 2008.

Custos e investimentos

Os aumentos de preços observados em vários setores da economia nos últimos meses também chegaram em grande intensidade aos índices setoriais. O Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) registrou em maio taxa acumulada em 12 meses de 8,06%. Os aumentos ocorreram tanto no que diz respeito aos preços dos materiais e serviços, quanto aos custos com mão-de-obra. Nesse mesmo período, o INCC mão-de-obra elevou-se 7,25%, refletindo os aumentos salariais já concedidos no Rio, em São Paulo, em Brasília, em Fortaleza e em Goiânia. Como a maioria dos acordos está concentrada no primeiro semestre, esses aumentos deverão se dissipar no segundo semestre.

Por sua vez, nesse mesmo período, os materiais apresentam taxa maior, de 8,78%. Os itens ligados à cadeia do aço têm apresentado os maiores aumentos de preços nos últimos meses, refletindo o aumento que o IPA já havia detectado um pouco antes. Em 12 meses, o vergalhão, por exemplo, acusa elevação de 15,1% no INCC.

No que diz respeito ao abastecimento, os resultados da *Sondagem Conjuntural da Indústria de Transformação* realizada pelo Ibre/FGV continuam a mostrar um quadro ainda preocupante mas com tendência de melhora. A indústria de materiais é a que apresenta o maior percentual de assinalações para a possibilidade de não atender a demanda por conta do esgotamento da capacidade de produção: 46% contra média de 27% da indústria como um todo. Na comparação com a pesquisa realizada em janeiro, quando esse percentual atingiu 57%, houve uma redução bastante expressiva, o que decorre diretamente da decisão de investir. Houve um crescimento de 12 pontos nas assinalações que indicam investimento no aumento da capacidade de produção, que passou de 41% para 53%. O percentual das empresas da indústria de materiais com possibilidade de esgotamento da capacidade de produção no período de 12 meses se reduziu de 54,2% para 35,4%.